Cast a Cold Eye | Olha Friamente

O Projeto

Cast a Cold Eye | Olha Friamente

William Butler Yeats foi um poeta irlandês de enorme influência na literatura inglesa do século passado. Nascido na Irlanda há 150 anos, é considerado um dos maiores vultos literários e uma figura chave da poesia em língua inglesa do século XX.

A Associação Irlandesa, a Embaixada da Irlanda, a Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e o Museu Condes de Castro de Guimarães vão produzir em colaboração, uma celebração da vida e obra de W. B. Yeats, levando a cabo para o efeito uma exposição de arte inspirada por um dos seus poemas. As obras criadas pelos estudantes da FBA serão expostas no Museu Condes de Castro Guimarães em Cascais.

As obras, com suporte e técnica ao critério dos concorrentes mas adequados ao espaço em que decorrerá a exposição, deverão ser entregues na faculdade entre os dias 15 de Junho e 31 de Agosto de 2015. A FBA, em colaboração com o Museu Condes de Castro Guimarães, em Cascais, organizará a visita ao museu dos estudantes interessados em concorrer com o objetivo de conhecerem o espaço em que decorrerá a exposição.

A seleção das obras será realizada até ao dia 11 de Setembro de 2015 por um júri constituído por dois representantes da FBA, dois representantes da Irish Association e ainda o artista plástico Pedro Proença.

A exposição decorrerá de 16 de Outubro a 8 de Novembro de 2015 e a sua abertura terá lugar no dia 15 de Outubro. Incluirá uma conversa sobre Yeats conduzida por Patricia Silva McNeill, com a participação da neta do poeta, Caitriona Yeats. A obra considerada como a melhor na captura da essência do poema em que se inspira será premiada com 500 Euros.

São aqui sugeridos para o efeito sete dos poemas de Yeats embora outros possam ser escolhidos pelos participantes, se assim o desejarem.

O Poeta

William Butler Yeats

W. B. Yeats nasceu na Irlanda a 13 de Junho de 1865 e morreu a 28 de Janeiro de 1939.

Yeats era um poeta, dramaturgo e místico que desempenhou um p apel destacado no renascimento da literatura irlandesa e foi co-fundador do Abbey Theatre em Dublin. Em 1923 foi-lhe atribuído o prémio Nobel, tendo sido o primeiro Irlandês a ser honrado com tal galardão. Numa fase mais tardia da sua vida foi nomeado senador no parlamento do recentemente proclamado Estado Irlandês Livre, cargo que manteve durante seis anos.

Yeats é uma figura icónica não apenas na Irlanda mas em todo o mundo. W. H. Auden, referindo-se a Yeats, elogiou-o dizendo que ele terá escrito «alguma da mais bela poesia» dos tempos modernos. Os seus temas permanecem relevantes, descrevendo a natureza humana, confrontando a fraqueza e a glória, o divino e o vulgar, a política e a paixão.

As suas palavras são de uma transluzente beleza e espera-se que constituam uma fonte inspiradora de uma obra que seja «quiçá tão frio e apaixonado quanto a aurora».

Os Poemas

Sailing to Byzantium

That is no country for old men. The young
In one another's arms, birds in the trees,
—Those dying generations—at their song,
The salmon-falls, the mackerel-crowded seas,
Fish, flesh, or fowl, commend all summer long
Whatever is begotten, born, and dies.
Caught in that sensual music all neglect
Monuments of unageing intellect.

An aged man is but a paltry thing,
A tattered coat upon a stick, unless
Soul clap its hands and sing, and louder sing
For every tatter in its mortal dress,
Nor is there singing school but studying
Monuments of its own magnificence;
And therefore I have sailed the seas and come
To the holy city of Byzantium.

O sages standing in God's holy fire
As in the gold mosaic of a wall,
Come from the holy fire, perne in a gyre,
And be the singing-masters of my soul.
Consume my heart away; sick with desire
And fastened to a dying animal
It knows not what it is; and gather me
Into the artifice of eternity.

Once out of nature I shall never take
My bodily form from any natural thing,
But such a form as Grecian goldsmiths make
Of hammered gold and gold enamelling
To keep a drowsy Emperor awake;
Or set upon a golden bough to sing
To lords and ladies of Byzantium
Of what is past, or passing, or to come.

(tradução: José Agostinho Baptista)

Rumo a Bizâncio

Este país não é para velhos. Jovens
Abraçados, pássaros que nas árvores cantam
— essas gerações moribundas —
Cascatas de salmões, mares de cavalas,
Peixe, carne, ave, celebrando ao longo do Verão
Tudo quanto se engendra, nasce e morre.
Prisioneiros de tão sensual música todos abandonam
Os monumentos de intemporal saber.

Um velho é coisa sem valor,
Um andrajo apoiado num bordão, a não ser que
A alma aplauda e cante, e cante mais alto
Cada farrapo da sua mortal veste.
Nem há escola de canto somente o estudo
Dos monumentos de seu próprio esplendor;
Por isso cruzei os mares e cheguei
À sagrada cidade de Bizâncio.

Oh, sábios que estais no sagrado fogo de Deus
Qual dourado mosaico sobre um muro,
Vinde desse fogo sagrado, roda que gira,
E sede os mestres do meu canto, da minha alma.
Devorai este meu coração; doente de desejo
E atado a um animal agonizante
Ele não sabe o que é; juntai-me
Ao artifício da eternidade.

Da natureza liberto jamais de natural coisa
Retomarei minha forma, meu corpo,
Mas formas outras como as que o ourives grego
Em ouro forja e esmalta em ouro
Para que o sonolento Imperador não adormeça;
Ou em dourado ramo pousado, cantarei
Para damas e senhores de Bizâncio
Cantarei o que passou, o que passa, ou o que virá

Leda and the Swan

A sudden blow: the great wings beating still
Above the staggering girl, her thighs caressed
By the dark webs, her nape caught in his bill,
He holds her helpless breast upon his breast.

How can those terrified vague fingers push
The feathered glory from her loosening thighs?
And how can body, laid in that white rush,
But feel the strange heart beating where it lies?

A shudder in the loins engenders there
The broken wall, the burning roof and tower
And Agamemnon dead.
Being so caught up,
So mastered by the brute blood of the air,
Did she put on his knowledge with his power
Before the indifferent beak could let her drop?

(tradução: Jorge de Sena)

Leda e o Cisne

Um golpe: asas ainda adejam sobre a presa
Que é ela vacilante, acariciadas ancas
Por membranas sombrias, bico agarra as tranças :
Segura ele contra si o seio sem defesa.

Com dedos aterrados, afastar-se a glória
Que se adentra emplumada às pernas já se abrindo?
Neste rompante branco, o corpo, pressentindo,
Do estranho coração pode ignorar vitória?

Mas um tremor dos lombos nesse instante gera
A muralha abatida, o tecto e a torre ardendo,
Agamémnon morto.
Enlaçada como era,
E do sangue brutal dos ares possuída.
Juntou dele o saber ao poder del' tremendo,
Antes de lasso o bIco a abandonar calda?

When You Are Old

When you are old and grey and full of sleep,
And nodding by the fire, take down this book,
And slowly read, and dream of the soft look
Your eyes had once, and of their shadows deep;

How many loved your moments of glad grace,
And loved your beauty with love false or true,
But one man loved the pilgrim soul in you,
And loved the sorrows of your changing face;

And bending down beside the glowing bars,
Murmur, a little sadly, how Love fled
And paced upon the mountains overhead
And hid his face amid a crowd of stars.

(tradução: Jorge de Sena)

Quando Fores Velha

Quando grisalha e velha e mais de sono cheia
Cabeceares à lareira, pega nestes versos
E lê-os devagar, e lembra os universos
Do teu olhar de outrora, tão profunda teia;

E quantos tanto amaram teu alegre encanto,
Como tua beleza em falso ou vero amor,
E um só foi quem amou de tua alma o ardor
E do teu rosto a mágoa do mutável pranto.

Curvada então ao lado das ardentes brasas
Murmura um pouco triste que o Amor se afastou.
Nos sobranceiros montes vagueante andou,
E seu rosto escondeu na multidão dos astros.

News for the Delphic Oracle

I
There all the golden codgers lay,
There the silver dew,
And the great water sighed for love,
And the wind sighed too.
Man-picker Niamh leant and sighed
By Oisin on the grass;
There sighed amid his choir of love
Tall Pythagoras.
Plotinus came and looked about,
The salt-flakes on his breast,
And having stretched and yawned awhile
Lay sighing like the rest.

II
Straddling each a dolphin's back
And steadied by a fin,
Those Innocents re-live their death,
Their wounds open again.
The ecstatic waters laugh because
Their cries are sweet and strange,
Through their ancestral patterns dance,
And the brute dolphins plunge
Until, in some cliff-sheltered bay
Where wades the choir of love
Proffering its sacred laurel crowns,
They pitch their burdens off.

III
Slim adolescence that a nymph has stripped,
Peleus on Thetis stares.
Her limbs are delicate as an eyelid,
Love has blinded him with tears;
But Thetis' belly listens.
Down the mountain walls
From where Pan's cavern is
Intolerable music falls.
Foul goat-head, brutal arm appear,
Belly, shoulder, bum,
Flash fishlike; nymphs and satyrs
Copulate in the foam.

(tradução: Jorge de Sena)

Novas do Oráculo de Delfos

I
Ali se deitam áureos camponeses,
Lá o orvalho de prata,
E as grandes águas por amor suspiram,
E o vento em suspiros se desata.
A caçadora de homens, Niamh, anseia
Na erva ao lado de Oisin;
lá suspira em coros de amor
O alto Pitágoras.
Plotino chegou e olhou em volta.
Com sal seco sobre o selo,
Espreguiçou-se e bocejou
E deitou-se pelo meio.

II
A cavalo num golfinho,
Seguros da barbatana.
Os Inocentes revivem a Morte.
Cada ferida se reabre e mana.
As águas extáticas riem
(Porque eles gritam doces e estranhos)
Dançando ancestrais passos,
E os brutos delfins tamanhos
Mergulhos dão até quando,
Na enseada onde o cortejo
Sacode as coroas de louro,
Atiram a carga ao mar.

III
Esbelta adolescência que uma ninfa despiu,
Peleu a Téthis fita.
As pernas dela leves como pálpebras.
Lágrimas de amor o habitam,
Mas o ventre de Téthis escuta.
Pelas encostas da serra
Onde a caverna é de Pã
Insuportável música escorre.
Cabeça de bode, um braço brutal irrompem.
E ombros, barrigas, trazeiros à uma,
Brilham de peixe: os sátiras e as ninfas
Copulam na espuma.

The Fisherman

Although I can see him still—
The freckled man who goes
To a gray place on a hill
In gray Connemara clothes
At dawn to cast his flies—
It's long since I began
To call up to the eyes
This wise and simple man.
All day I›d looked in the face
What I had hoped it would be
To write for my own race
And the reality:
The living men that I hate,
The dead man that I loved,
The craven man in his seat,
The insolent unreproved—
And no knave brought to book
Who has won a drunken cheer—
The witty man and his joke
Aimed at the commonest ear,
The clever man who cries
The catch cries of the clown,
The beating down of the wise
And great Art beaten down.

Maybe a twelve-month since
Suddenly I began,
In scorn of this audience,
Imagining a man,
And his sun-freckled face
And gray Connemara cloth,
Climbing up to a place
Where stone is dark with froth,
And the down turn of his wrist
When the flies drop in the stream—
A man who does not exist,
A man who is but a dream;
And cried, "Before I am old
I shall have written him one
Poem maybe as cold
And passionate as the dawn."

(tradução: Pedro Proença)

O Pescador

É assim que o dá pra vislumbrar —
A andar com sardas na cara,
Num pardo monte, nesse lugar
Com pardas roupas de Connemara
P'la aurora a moscas enxutar —
Tanto passou desde o início
Em que recordei tais olhos
Dum sábio e simples senhor.
Todo o dia lhe fixei o rosto.
Foi o que esperei que seria
para o que da minha raça escreveria
Quanto à realidade:
Os viventes que desprezo
Os mortos que amei
Os cobardes nos seus assentos
Os insolentes irreprovados —
e nenhum servente vindo registar
Aquele que bêbado levou a palma —
O engenhoso com suas graças
Chegando às orelhas do povo,
O homem esperto que chora
Resguardando lágrimas de palhaço
Batendo portas ao sábio
E a grande Arte rebatendo.

Cerca de um ano depois
Comecei subitamente
Nas tintas para essa plateia
A imaginar um homem
Com a sua face sardenta do sol
E com pardas roupas de Connemara
Trepando para um lugar
De escuras e espumosas rochas
Com um pulso algo falho
E moscas entrando na corrente —
Um homem inexistente
Um homem apenas sonhado;
Que grita — "Antes de velho
Hei-de lhe escrever
Um poema quiçá tão frio
e apaixonado quanto a aurora."

To a Child Dancing in the Wind

Dance there upon the shore;
What need have you to care
For wind or water's roar?
And tumble out your hair
That the salt drops have wet;
Being young you have not known
The fool's triumph, nor yet
Love lost as soon as won,
Nor the best labourer dead
And all the sheaves to bind.
What need have you to dread
The monstrous crying of wind?

(tradução: José Agostinho Baptista)

A Uma Criança que Dança no Vento

Dança aí junto ao mar;
Que te importa
O rugido da água, o rugido do vento?
Sacode a tua cabeleira
Molhada de gotas de sal;
Tu que és tão jovem ignoras
O triunfo do néscio, não sabes
Que o amor mal se ganha e logo se perde,
Nem viste morrer o melhor operário
E todos os feixes por atar.
Porque hás-de temer
O terrível clamor dos ventos?

The Fiddler of Dooney

When I play on my fiddle in Dooney,
Folk dance like a wave of the sea;
My cousin is priest in Kilvarnet,
My brother in Moharabuiee.

I passed my brother and cousin:
They read in their books of prayer;
I read in my book of songs
I bought at the Sligo fair.

When we come at the end of time,
To Peter sitting in state,
He will smile on the three old spirits,
But call me first through the gate;

For the good are always the merry,
Save by an evil chance,
And the merry love the fiddle
And the merry love to dance:

And when the folk there spy me,
They will all come up to me,
With 'Here is the fiddler of Dooney!'
And dance like a wave of the sea.

(tradução: Pedro Proença)

O Rabequista de Dooney

Enquanto toco na rebeca em Dooney,
Músicas populares como ondas do mar;
O meu primo é padre em Kilvarnet
E o meu irmão idem em Moharabuiee.

Cruzei-me com meu irmão e primo:
E eles leram-me livros de hinos;
E eu li-lhes o meu cancioneiro
Que comprei em Sligo na feira.

Quando ao fim dos tempos chegados,
São Pedro em pompa sentado,
Sorrirá às três velhas almas
Mas a passar-lhe a porta serei o primeiro;

Porque os bons são os que alegram,
Salvos por uma sorte danada,
e pelo alegre paixão de uma rebeca,
e pela alegre paixão pela dança:

E lá, quando o povo me puser a vista
Hão-de achegar-se a mim então
Dizendo: "Cá está o rabequista de Dooney!"
E dançarão como ondas do mar.

FACULDADE DE BELAS-ARTES
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa
T: [+351] 213 252 100
www.fba.ul.pt

LISBOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Ambasáid na hÉireann
Embassy of Ireland